

ARTE E CULTURA



IMM

INSTITUTO MÁRIO MENDONÇA

TIRADENTES

COLEÇÃO DO INSTITUTO MÁRIO MENDONÇA – CERCA DE MIL PINTURAS, ESCUTURAS E DESENHOS.

Agostinelli
Alberto Guignard
Albery
Alfredo Volpi
Amedeo Modigliani – Itália
Antonio Bandeira
Antonio Maia
Augusto Rodrigues
Aurélio D’Alincourt
Bustamante Sá
Camargo Freire
Candido Portinari
Caribé
Carlos Bracher
Carlos Leão
Carlos Scliar
Carlos Sorensen
Carlota Santos
Chanina
Darcy Penteado
Darel Valença
Déa Junqueira
Décio Vilarés
Diógenes Sodrê
Dioniso Del Santo
Djanira
Dmitri Ismailovich
Domenico Lazzarini
Eliseu Visconti
Elza Cansanção
Emeric Marcier

Di Cavalcanti
Escola de Fontainebleau – França
Eugenio Sigaud
Eugeny Kharationov – Rússia
Evandro Carneiro
Farnese de Andrade
Fernando Mendonça
Fernando Pitta
Gandra
Genaro de Carvalho
Gerson de Souza
Castagneto
Gustavo Bastos
Hans Block – Alemanha
Haydea Santiago
Henrique Cavallero
Heraldo Pedreira
Hilda Campofiorito
Iberê Camargo
Inimá de Paula
Ivan Carneiro
Ivan Marquetti
Ivan Serpa
João Quaglia
Jorge Guinle
José Paulo Moreira da Fonseca
Julio Vieira
L. Buttigo – França
Loio Pérsio
Luiz Verri
Lurçat – França

Manoel Santiago
Marçal Athayde
Marcelo Grassman
Maria Freire – Uruguai
Maria Tereza Vieira
Mathias Marcier
Mauricio de Carvalho
Milton da Costa
Navarro da Costa
Nívea Bracher
Noêmia Mourão
Oswaldo Goeldi
Oswaldo Teixeira
Pablo Picasso – Espanha
Píndaro Castelo Branco
Reinaldo Fonseca
Rosa Bonheur – França
Santa Rosa
Sergio Telles
Serio Benini – Itália
Serpha Coutinho
Sobragil Gomes Carollo
T. Kaminagay – Japão
Tarsila do Amaral
Theodor Gaede
Tobias Marcier
Virgilio Dias
Virgilio Lopes Rodrigues
Vladimir Machado



IMM

INSTITUTO MÁRIO MENDONÇA

TIRADENTES



FUNDADORES | FOUNDER

Mário Mendonça
Clélia O'Dena Mendonça

PRESIDENTE | PRESIDENT

Clélia O'Dena Mendonça

VICE-PRESIDENTE | VICE-PRESIDENT

Mário Mendonça

CONSELHO CONSULTIVO | BOARD OF COUNSELORS

Presidente: Ângelo Oswaldo de Araujo Santos

Ana Maria Martins
Ana Maria Parson's
Antonio Carlos de Andrada
Antonio Fantinatto Neto
Arnaldo Niskier
Aristóteles Drummond
Dalma Fernandes Ferreira
Eros Roberto Grau
Flavio Lemos Carsalade
Galeno Martins de Almeida
Gilberto Martins de Almeida
Heloisa Aleixo Lustosa
Jose Nacif Nicolau
Luiz Paulo Horta
Mauricio Magalhães
Oscar Araripe
Ricardo Cravo Albin
Sergio Paulo Rouanet
Vera Mancini Peixoto
Vitória Gomes

SECRETÁRIO GERAL | GENERAL SECRETARY

Eros Roberto Grau

AGRADECIMENTOS | ACKNOWLEDGMENTS

Ângelo Oswaldo de Araujo Santos
Nilzio Barbosa
Prefeitura de Tiradentes, MG
Câmara Municipal de Tiradentes, MG
Flavio Lemos Carsalade – Arquiteto
Leonardo Barreto de Oliveira – Superintendente do
IPHAN/MG

EQUIPE | TEAM

Arquiteto/architect:

Paulo André de Faria Rorhmann

Conservação/conservation:

Mauro Cezar dos Santos
Raphael Ornella Costa

Conservação e restauração do acervo/restoration of the collection:

Paula O'Dena Mendonça

Molduras/frames:

Mauricio Witthinrich (São João Del Rey)

AGRADECIMENTO ESPECIAL | SPECIAL ACKNOWLEDGMENT

Leonardo Jesus de Mattos

In Memoriam

Ives Ferreira Alves
Jornalista Marcio Bertola
Euclides Rodrigues da Silva



Meus profundos agradecimentos a minha querida
irmã Stella Maris, escritora e jornalista, pelo
constante incentivo e ajuda em nosso projeto.

*My deepest thanks to my dear sister Stella Maris,
writer and journalist, for his constant encouragement
and help in our project.*



UMA PONTE PARA O ESPÍRITO

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos*

Mário Mendonça é o pintor da cidade de Tiradentes, do Cristo, das cenas sacras e do Quixote. A pintura, para ele, é “ponte entre o mundo e o espírito”¹. Se o cavaleiro da Triste Figura devaneava com castelos, ao artista será lícito fazer um milagre e ter à mão, de fato, o que parecia sonho – abrir a sua porta e entrar num museu. Ele musealizou sua casa, no Largo das Mercês, ao nela instalar uma coleção especialmente formada para esse fim. Apaixonado pela cidade museal, percebeu a vocação da casa, em sintonia com o destino do sítio urbano, e anteviu o que a realidade veio consagrar.

Na origem da bela iniciativa, está o desejo de partilha, generoso entendimento de que arte não se acumula sem comunhão. É, em síntese, uma forma radical de cifrar o mistério da vida. Unamuno sentiu que Cervantes não alcançou adentrar o espírito do Quixote, tal a força do personagem. Em Mário Mendonça, aflora o “enloquecimento de pura madurez del espíritu”. Afirma-se “um modo de enfrentar-se, em nome da eternidade, com a contingência histórica.” Quanto a nós, conseguiríamos penetrar o sentimento profundo do artista que entrega ao espectador muito mais do que o próprio gesto criador? Ainda aqui não há outro remédio senão narrar o ocorrido².

Ele reuniu autores fundamentais, buscou representações diversificadas e abrangentes, viajou do museu imaginário às galerias e oficinas onde poderia escolher testemunhos imprescindíveis a uma visão clara da arte brasileira. Acolheu autores estrangeiros e consolidou um trabalho sensível de museologia, que oferece a Tiradentes referência

ímpar, no quadro de sua riqueza cultural.

Peripécias assinalam a formação do acervo. Acontecimentos providenciais têm viabilizado, como por encanto, a incorporação de obras notáveis. É com entusiasmo (Deus na alma, literalmente) que o colecionador se surpreende diante desses prodígios, como a pequena escultura taurina de Rosa Bonheur, o galo colorido de Lurçat ou o Mar do Norte singrado numa tela de Navarro da Costa.

Em 1963, aos 29 anos, Mário Mendonça foi hóspede de Emeric Marcier, no sítio de Sant’Ana, felizmente recuperado como casa-museu, em Barbacena. Foi ali, atrás do Monte Mário, na Estrada do Faria, que o mestre romeno fixou o ponto referencial de sua vida brasileira. Marcier recomendou-lhe pintar “uma cidade parada no tempo”, a esquecida Tiradentes, à qual se chegava por estrada de terra, pouco depois de Barroso, nas cercanias de São João del Rei.

O arraial minerador nasceu nos princípios do século XVIII, “na ponta do morro”, sob invocação de Santo Antônio. Mas se erigiu em Vila de São José del Rei, em 1718, para honrar o príncipe dom José, futuro rei de Portugal. Tornou-se um dos pontos mais expressivos da Capitania mineira. Com a República, recebeu o nome de Tiradentes, em homenagem ao filho herói. O tombamento federal preserva a beleza do núcleo urbano e a esplêndida paisagem em que se acha inserido.

Para o artista, foi um alumbramento. A vila então placidamente empobrecida, o fulgor da talha da matriz e a monumentalidade da montanha arrebataram sua emoção. A paixão se transformou

¹ Segundo a escritora Anna Maria Martins, “ao pintar as verdades teológicas, Mário se fez ponte entre o mundo e o espírito”.

² “La invención del Quijote”, Francisco Ayala, in Don Quijote de la Mancha, Cervantes, Real Academia Española, Madri, 2005.

em amor definitivo. Todos os anos, em junho, “e havia inverno naquele tempo”, recorda, “eu voltava para pintar, ficando hospedado em casas de pessoas que me cediam quarto, comendo em um ou outro botequim, pleno de felicidade, pintando e pintando a serra imponente, as ruas, igrejas, becos, árvores e tudo o que via – tudo me empolgava³”.

Teve a sorte de uma significativa encomenda de telas sobre Tiradentes, e com o produto desse trabalho pôde adquirir sua casa na cidade, “talvez pelo valor de um Opala zero, na época, isso foi em 1972”. Era uma pequena casa em terreno medido em litros de terra, traduzidos em 14 mil metros quadrados, a Quinta das Pitangueiras. Ali, continuou a pintar e amar Tiradentes: “A cidade me retribuiu tudo, como se precisasse, e hoje sou filho da terra, cidadão honorário, já com meu espaço no cemitério das Mercês, para quando chegar a hora”.

Mário Mendonça se considera muito mais mineiro do que carioca. Sua história em Minas começou nos anos 50, aluno do Instituto Padre Machado, do professor Lara Resende. As coincidências prosseguiram: “Otto, adido cultural em Lisboa, inaugurou a minha primeira individual na Europa, em 1970”. Sobre sua criação, o poeta e crítico Walmir Ayala observou que, com ela, o tema sacro na pintura brasileira contemporânea atinge o mais alto momento. O museu tiradentino mostra seu primeiro óleo, de 1963, e a produção que conseguiu guardar ao longo desses 45 anos.

Numa temporada no Estado de Nova Iorque, conheceu o Museu do Reader's Digest. “Pensei, em pequena escala, por que não em Tiradentes? Particular, como o americano, mostrando que a cidade tem algo mais, também oferece opções em artes plásticas e que Minas Gerais é diferente e única”. Quando se deu conta, o museu estava com um acervo respeitável, e

incontáveis providências de ordem prática exigiram empenho enorme do artista na organização do projeto. A morte do jornalista Márcio Bertola o privou de um colaborador atento e dedicado. Redobram-se os esforços. Haveria de ser uma realidade luminosa, como de sua obra diz Arnaldo Niskier. “Fazer é fazer bem feito”, justifica-se.

Cerca de mil obras inauguram a primeiro exposição. O trabalho prossegue e há de continuar, já que o museu constitui uma convergência importante. As atividades que irá estimular e a atração de novas peças vão ampliar sempre o interesse ao seu redor.

No poema dedicado a Cervantes, Murilo Mendes distinguiu a sua própria medida temporal “na solidão do ar absoluto de Castela”⁴. O homem foi criado para se conhecer circunstrito,/ Seus ângulos e arestas o definem, fala o poeta no coração da Espanha. Mas as convulsões da paisagem lhe tocaram a sensibilidade: “Ameaçada Castela: aqui a indústria/ já inaugura sua máquina indiscreta”.

Mário Mendonça sabe que as máquinas indiscretas rondam e ameaçam a cidade amada, alma de Minas. Como o poeta de “Tempo Espanhol”, o pintor responde, com seu equilíbrio, “frente a moinhos com radar” e “Dulcinéias de vidro”. No espaço e na medida de Tiradentes, ele acende um farol de transcendência.

*Ângelo Oswaldo de Araújo Santos é jornalista, escritor e curador de arte. Prefeito de Ouro Preto por dois mandatos, exerceu os cargos de Secretário de Estado da Cultura de Minas Gerais, presidente do IPHAN e chefe de Gabinete do Ministério da Cultura, na gestão do professor Celso Furtado, de quem foi ministro interino. Formado em direito pela UFMG, estudou comunicação social na França. Tem realizado trabalhos e missões também no exterior. Recebeu a Légion d'Honneur e a Ordre des Arts et des Lettres (França), a Ordem de Isabel, a Católica (Espanha) e a Ordem do Infante Dom Henrique (Portugal). Membro da Academia Mineira de Letras, é cidadão honorário de Tiradentes. Está entre os primeiros amigos que incentivaram Mário Mendonça a criar o Museu.



³ Carta de Mário Mendonça ao autor.

⁴ “Homenagem a Cervantes”, in Poesia Completa e Prosa, Murilo Mendes, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.



A BRIDGE FOR THE SPIRIT

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos*

Mário Mendonça is a painter of the city of Tiradentes, of the Christ, of the sacred scenes and of Quixote, also. Painting, for him, is “a bridge between the world and the spirit”¹. If the Knight of the Sad Countenance dreamed of castles, the artist has the right to make a dream come true – open the door of his house and enter a museum. Mário has musealized his house, in Largo das Mercês, when he installed in it a collection that has been specially chosen to accomplish this purpose. As a lover of the city, he felt the vocation of the house, in sintonia with the destiny of the urban area, and foresaw what the reality finally has consecrated.

In the origin of the beautiful initiative, his desire of sharing - a generous understanding that it is impossible to accumulate art without communion. In short, this is a radical way of deciphering the mystery of life. Unamuno felt that Cervantes could not penetrate Quixote’s spirit, so strong was the character. In Mário Mendonça, “the madness of pure maturity of the spirit”/ “el enloquecimiento de pura madurez del espíritu” comes up. It is visible in him “a way of confronting, in the name of eternity, the historical contingency.”² And what about us, are we able to penetrate the deep feeling of this artist that gives the spectator much more than his creative gesture? Now we can’t avoid telling what happened.

Mário Mendonça gathered fundamental authors, looked for various and wide representations, travelled from the imaginary museum to galleries and workshops where he could

collect essential testimonies to guarantee the visitor a clear vision of Brazilian art. He received foreign authors as well and consolidated a sensible work on museology, that gives Tiradentes a unique reference in the rich scenery of its local culture.

Many adventures point the setting up of such a cultural heritage. Some providential events helped, as a miracle, to make easier the inclusion of remarkable pieces. Enthusiastically (com entusiasmo, in Portuguese, means with God in the soul) the collector is surprised about some artistic wonders, like the small taurine sculpture by Rosa Bonheur, the coloured cock by Lurçat or the Northern Sea sailing in a canvas by Navarro da Costa.

In 1963, when he was 29, Mário Mendonça stayed in Emeric Marcier’s small farm called Sítio de Sant’Ana, fortunately maintained as a museum-house, in Barbacena, Minas Gerais. There, behind Mario Hill/Monte Mário, in Faria Road/Estrada do Faria, the romanian master established the reference point of his Brazilian life. Marcier recommended him to paint “a city that had stopped in time”, the forgotten Tiradentes, where people arrived by unpaved road, just after Barroso, near São João del Rei.

The miner settlement was born in early 18th century, “just in the end of the hill”, under San Antonio protection. In 1718, was set up as São José del Rei Village /Vila de São José del Rei, to honor Prince Dom José, the future king of Portugal. It became one of the most expressive places in the Capitania mineira (NT). When the Brazilian

¹ According to Anna Maria Martins, Brazilian writer, “when he paints the theological truths, Mário is a bridge between the world and the spirit”.

² “La invención del Quijote”, Francisco Ayala, in *Don Quijote de la Mancha*, Cervantes, Real Academia Española, Madrid, 2005.



Republic was proclaimed, the small town received the name of Tiradentes, as a homage to the heroic son who was born there. Nowadays, a federal law protects the beauty of the urban center and the magnificent landscape around it.

The artist was fascinated. The village had become quietly poor, the bright design of the mother church and the monumental mountain captivated his emotion. The passion became a definitive love. Every year, in June, “and there was winter by that time”, he remembers, “I used to come back there to paint and stayed in the houses of people who gave me a room. I had my meals in bars or small restaurants, full of happiness, and I painted and painted the terrific mountain, the streets, churches,

alleys, trees and everything I saw – everything excited me”.³

One day Mário was given the task to prepare some canvas about Tiradentes and the payment of these works enabled him to buy a house in the city, “maybe for the price of a new Opala (a popular car, then, in 1972)”. It was a small house in a land that was measured in liters, about 14000 square meters, the Pintagueiras Garden/Quinta das Pitangueiras (pintangueira is a Brazilian fruit tree). There he continued painting and loving Tiradentes: “The city rewarded me everything – and this was not necessary. Today I am a son of this land, an honorary citizen, and I already have my place in the Mercês Cemetery, when the hour comes”.

³ A letter from Mário Mendonça to the author.

Mário Mendonça considers himself much more mineiro (born in Minas Gerais) than carioca (born in the city of Rio de Janeiro). His history in Minas began in the 50's, when he used to study in the Institute Padre Machado, that belonged to professor Lara Resende. Many coincidences happened: "Otto was a cultural attaché in Lisbon when he inaugurated my first individual exposition in Europe in 1970". Walmir Ayala, a Brazilian critic and poet, remarked upon the fact that with Mário Mendonça's work the sacred theme in Brazilian contemporary painting reaches the highest moment. The Tiradentine museum shows his first oil painting, from 1963, and the production that he could keep during 45 years.

Mário stayed for a period in the State of New York where he knew the Reader's Digest's Museum. "Then I thought, why not in Tiradentes, in a smaller scale? Private, as the American museum, to show that the city has something special and also offers the visitors an artistic diversity. And that Minas Gerais is different and unique". One day Mário realized that the museum had already a fairly large heritage and that innumerable and practical procedures demanded a great effort from him to make the project real. When journalist Márcio Bertola died, the artist lost a careful and dedicated collaborator. Mário had to redouble the efforts. It should be a luminous reality, as Arnaldo Niskier comments on his work. "To do is to do well done", justifies the artist.

About 1.000 pieces inaugurate the first exposition. The work goes on and it must go on because the museum is an important convergence

point. The activities that will be developed there and the attraction of new works will always increase people's interest in it.

In the poem dedicated to Cervantes, Murilo Mendes distinguished his time dimension "in the solitude of the absolute Castilian air"⁴. Man was created to feel himself limited,/ His angles and edges define him, says the poet in the heart of Spain. But the convulsions of the landscape touched his sensibility: "Threatened Castile: here the industry/ already inaugurates its indiscreet machine".

Mário Mendonça knows that the indiscreet machines prowl and threaten the beloved city, soul of Minas Gerais. Like the poet who wrote "Spanish Time", the painter answers, harmoniously, "facing mills with radar" and "Dulcineas made of glass". In the space and scale of Tiradentes, Mário starts a transcendental lighthouse.

NT – Capitania was a territorial division made by the Portuguese Colonial Empire.

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos is a journalist, a writer and an art curator. He has been elected three times as the Mayor of Ouro Preto, Secretary of Culture in the State of Minas Gerais, president of IPHAN (Institute of the Brazilian Historical and Artistic Patrimony) and Chief of Cabinet of the Minister of Culture Professor Celso Furtado, of whom he was also an interim minister. Ângelo Oswaldo is a lawyer, graduated from the Federal University of Minas Gerais (UFMG) and studied social communication in France. He has carried out many works and missions abroad and received the Légion d'Honneur and the Order of Liberal Arts / Ordre des Arts et des Lettres (France), the Order of Isabel, the Catholic/Orden de Isabel, la Católica (Spain) and the Order of Dom Henrique Infante/Ordem do Infante Dom Henrique (Portugal). Member of the Liberal Arts Academy of the State of Minas Gerais/ Academia Mineira de Letras, he is an honorary citizen of Tiradentes and is one of Mário's first friends who encouraged him to create the Museum.



⁴ "Homenagem a Cervantes", in Poesia Completa e Prosa, Murilo Mendes, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.





“O SONHO TEVE INÍCIO EM 1979 E SE TORNOU REALIDADE EM 2010.”



A primeira semente, o primeiro pensamento, aconteceu em 1979.

Naquele ano, eu realizava uma exposição individual na Espanha, em Madri, e como ela ali permaneceria por 30 dias, passei a percorrer o país em companhia de um amigo arquiteto, D. Jayme de Alvear Criado. Ele nos conduzia, a mim e minha mulher Clélia, por locais que julgava importantes: ruínas arqueológicas, monumentos arquitetônicos, palácios e até eventos gastronômicos. Em uma dessas viagens, chegamos à cidade de Cuenca, onde se encontram as famosas casas colgadas (penduradas), construídas sobre penhascos no alto de uma montanha. Habitadas em meados dos séculos XV e XVIII, foram depois abandonadas. Reconstruídas em 1927 e restauradas externamente entre 1950 e 1978, conservaram as fachadas originais, mas internamente foram totalmente modernizadas.

Entre 1950 e 1960, surgiu na Espanha uma nova, forte e bela geração de pintores – a Geração Abstrata. Como lhes faltasse um local onde o público pudesse contemplar esta importante manifestação artística, os pintores tinham suas obras espalhadas em museus e galerias da Europa e Estados Unidos. Para resolver esta questão, a Prefeitura de Cuenca lhes cedeu as casas colgadas para que o pintor Fernando Zóbel e seus companheiros criassem o Museu de Arte Abstrata Espanhol.

Ao visitá-lo, fiquei maravilhado e logo pensei: “Por que não algo similar em Tiradentes?” Foi um pensamento instantâneo, contudo difícil de ser posto em prática. No momento, eu lutava para me firmar em minha carreira, quase não tinha recursos para manter e cuidar de nossa casa tombada em Tiradentes; havia ainda a responsabilidade de criar e educar quatro filhas com o auxílio de uma companheira amada, que me apóia há 55 anos.

De 1979 voamos para 1992, quando uma filha advogada vai morar com o marido nos Estados Unidos da América do Norte, no estado de Nova

York, em uma pequena cidade chamada Armonk. Passamos lá uma temporada, onde pintei o outono americano: amarelos, laranjas, verdes, e azuis nunca vistos, parecendo irreais. A casa ficava no centro de um bosque, onde os esquilos nos acompanhavam no café da manhã, ao mesmo tempo em que os cervos pastavam no gramado – o paraíso na Terra.

Certo dia, meu genro Gilberto perguntou-me se eu desejaria visitar a coleção da revista Reader's Digest em uma cidade próxima a Armonk. Nós nos inscrevemos (eram permitidas no máximo 10 pessoas), enviamos nossos passaportes e aguardamos por 15 dias a chamada para irmos. À hora marcada, fomos recebidos, com mais seis pessoas, por uma preparada guia que nos acompanhou na visita. É uma linda mansão no meio de uma floresta, guardada com toda a segurança. Percorremos corredores com Modigliani, escritórios com Chagal e Picasso em cima dos computadores, bibliotecas com Van Goghs, sala de reunião com uma imensa ninféia de Monet e esculturas de Giacometti. Enfim, o que eu via em museus americanos e europeus eles possuíam em menor quantidade, porém de igual qualidade.

O pensamento de 1979 na cidade de Cuenca, na Espanha, voltou forte. Filhas formadas - médica, advogada, psicóloga e uma excelente restauradora -, todas casadas e encaminhadas na vida, esposa decoradora com missão de mãe cumprida, minha carreira em bom momento, situação econômica estável. “Por que não em Tiradentes?” mudou para “É a hora, o momento, é agora em Tiradentes!” Há uns 10 anos atrás, iniciei, dentro de nossas possibilidades, a realização do sonho de 1979. A cidade de Tiradentes me deu tudo: sua beleza, paisagens, a grande Serra de São José (que significa para mim o que a Montanha Santa Vitória significou para Cézanne), as igrejas barrocas, o casario, o povo afável... Um lugar onde viver, um lugar onde morrer. Chegou a hora da retribuição.



Nós, pintores, temos a facilidade de trocarmos nossas obras; deste modo, iniciei a formação do acervo, utilizando as reservas disponíveis. Quando o mundo da arte tomou conhecimento do nosso projeto, começaram oferecimentos de todos os lados. O Brasil, naquela época, estava começando a se ajustar, tentando colocar a economia em ordem, a arte estava em baixa e isto nos facilitou muito; adquirimos naquele momento quadros que jamais poderíamos pensar em comprar. Consegui readquirir vários quadros meus que, com a morte de seus colecionadores, acabaram em leilão para que o produto da venda fosse dividido entre herdeiros. Passeando pelas salas, vemos várias placas abaixo do quadro dizendo – “readquirido”.

Deixei de vender obras minhas, que julgava serem importantes, para reservá-las para o museu.

Passei a viver intensamente o sonho: minha mente, coração, emoções, pensamentos e recursos disponíveis passaram a ser encaminhados para o, já batizado e com estatutos prontos, “Instituto Cultural Mário Mendonça – Tiradentes.”

As notícias correm com o vento e, não sei como explicar, em uma sexta-feira há uns anos atrás, recebi um telefonema do Dr. Ângelo Oswaldo de Araújo, então Secretário de Cultura do estado de Minas Gerais, marcando um encontro em nossa casa de Tiradentes. Ele ficou entusiasmado e perguntou-me como o governo de Minas poderia ajudar. Respondi que já estava ajudando com sua presença e incentivo. Ângelo Oswaldo, atual prefeito de Ouro Preto, é o padrinho do Instituto Cultural.

No momento, o acervo conta com perto de mil peças - entre óleos, desenhos, esculturas,

guaches e aquarelas, sendo que as pinturas a óleo e os desenhos formam a maioria. Há uma biblioteca, com quase três mil títulos, com forte predominância de livros de artes plásticas e muita literatura brasileira. Entre os óleos, encontram-se peças representativas dos meus 47 anos de trabalho. Representam a pintura brasileira, entre outros, Guignard, Castagneto, Di Cavalcanti, Volpi, Marcier, Milton da Costa, Santa Rosa, Sigaud, Bracher, Marquetti, Farnese, Antonio Maia, Guima, Ivan Serpa, Aluísio Carvão, José Paulo Moreira da Fonseca, Scliar, Sérgio Telles, Manoel Santiago, Kaminagai, Dionísio Del Santo, Abelardo Zalar e outros de igual importância. A coleção de desenhos, aquarelas e guaches talvez seja o ponto alto do acervo; lá se encontram Portinari, Tarsila do Amaral, Iberê Camargo, Antonio Bandeira, Inimá de Paula, Visconti, Cavaleiro, Marcelo Grassman, Darel Valença, Djanira, Guignard, Marcier e outros de igual importância.

Entre as peças estrangeiras, desenho atribuído a Modigliani, de origem confiável, gravura de pequena tiragem da fase grega de Picasso; cartão de tapeçaria de Lurçat; óleo da época de Fontainebleau, precursor do impressionismo; paisagem expressionista do inverno de Moscou pelo pintor russo Kharationov.

Meu atelier abriga perto de 100 paisagens,

inclusive uma exposição exibida na Bulgária em 1981 a convite do Ministério da Cultura búlgaro. Até aquela época, fui o único sul-americano a expor no país e, juntamente com Portinari, os únicos sul-americanos com obras no Museu Oficial Ludmila Jivkova. Antes da entrada do atelier há um anexo onde se encontram minhas paisagens, desde a primeira (1963) até a penúltima (2010); igualmente meus auto-retratos, desde o primeiro (1964) até os atuais (2010). Construímos ainda uma capela que, juntamente com uma Paixão que realizei aos 70 anos, abriga uma pequena coleção de ícones russos, búlgaros, gregos e de Jerusalém, sendo que um deles é do século XVI. As salas de estar, de refeições e todos os quartos da propriedade têm em suas paredes óleos e desenhos de diversas fases do meu trabalho e de outros artistas, tudo inspirado no modelo da coleção da Reader's Digest.

Ao iniciar a visita, todos receberão um folheto em cuja capa está escrita a filosofia da nossa instituição: *“A grande arte deve ser apreciada não somente nos momentos de grande reflexão, mas também nos minutos passageiros de nosso dia-a-dia.”*

Isto nós queremos oferecer aos habitantes de nossa cidade, principalmente para os jovens e alunos das escolas locais.

O sonho atingido em 2010 continua...





“MY DREAM BEGAN IN 1979 AND CAME TRUE IN 2010.”



The inspiration of this project came in 1979. By that time I had spent a month in Madrid for an individual exhibition and travelled through the country with a friend, the architect Jayme de Alvear Criado. He took us, me and Clélia, my wife, to important places – archaeological ruins, architectural monuments, palaces and even gastronomic events. That's how we arrived in Cuenca where we visited the famous casas colgadas (hung houses) built on the cliffs high up on the mountain. After being occupied from the XVth to the XVIIIth centuries, these houses were abandoned. In 1927 they were rebuilt and then, between 1950 and 1978, restored – their facade remained as they were originally but the indoors were modernized.

In the 1950's a new, strong and beautiful generation of abstract painters emerged in Spain. Their work was spread around several museums and galleries in Europe and in the United States. These artists didn't have anywhere to show such important work in their country. To solve this problem, the Cuenca's municipal government allowed them to use the casas colgadas where the painter Fernando Zóbel and his workmates created the Spanish Museum of Abstract Art.

When we visited it I was astonished and immediately thought: "Why not something similar in Tiradentes?" But it was very difficult to carry out the idea. At that time I was struggling to set myself up as a painter, to maintain our house in Tiradentes – a public heritage site - and also had the responsibility to educate four wonderful daughters with the help of my beloved wife who has given me support for 55 years. Godsend.

From 1979 we skip to 1992, when my daughter, a lawyer, goes to the United States to live with her husband in Armonk, a small town in the State of New York. We spent a season there and I could paint the american autumn: yellows, oranges, greens

and blues, hardly seen, looked unreal. Their house was surrounded by woods where squirrels shared breakfast with us while deer grazed in the grass – paradise in Earth.

One day, my son-in-law Gilberto asked me if I would like to visit, in a city near Armonk, the Reader's Digest Collection. We registered (up to 10 visitors were allowed), sent our passports and waited for permission for 15 days. At the appointed hour, we and six others more were received by a well-trained guide who showed us the beautiful and highly protected mansion in the middle of a forest. We walked corridors with Modiglianis, passed by offices where we could see Chagall and Picasso on the computers, libraries with Van Gogh's paintings, a hall with a huge water lily by Monet and Giacometti's sculptures. All that I used to see in american and european museums the Reader's Digest collection has – fewer but excellent pieces.

The idea I had had, in 1979 in Cuenca, came back. My daughters were already married and graduated (a doctor, a lawyer, a psychologist and an excelent restorer), my wife, a talented interior decorator, was fulfilled as a mother, my career and economic situation, consolidated. "Why not in Tiradentes?" changed to "The time is now – in Tiradentes!" I started to make my 1979 dream come true – this happened 10 years ago.

The city of Tiradentes had given me everything: its beauty, landscape, the huge São José Hill (as important to me as the Saint Victory Mountain was to Cézanne), the baroque churches, the hamlet, the nice people... A place to live, a place to die. The time for its reward has come.

We painters can easily exchange our work. That's how I started to form my collection. Our savings were also employed for this purpose. When the art world knew our project, innumerable offerings appeared. At that time, Brazil was beginning

its economic adjustment process, the art was slow and we were benefited by this. We bought paintings that were prohibitive before. I could also buy, at auctions, works that I had painted long ago. These paintings, after the death of the collectors, were sold and the money shared among the heirs. Walking through the halls one sees nameplates under these pieces saying “reacquisition”.

I also avoided selling some of my paintings to keep them for the museum. I was living the dream intensively; my mind, heart, emotions, thoughts and money were dedicated to the almost ready “Cultural Institute Mário Mendonça – Tiradentes”.

News fly on the wind and on a Friday some years ago, Dr. Ângelo Oswaldo de Araujo, then the Secretary of Culture of Minas Gerais, called me to make an appointment in my house in Tiradentes. We met and Ângelo Oswaldo, enthusiastic about the project, asked me how the Government of Minas Gerais could help. I answered that I was already being helped with his presence and incentive. Now Ângelo Oswaldo, the current Mayor of the city of Ouro Preto, is the patron of the Cultural Institute.

We have almost a thousand pieces in our museum – drawings, sculptures, gouaches, watercolors and oil paintings. These oil paintings and the drawings make up most of the collection. There is a library with 2.800 titles, most of them about plastic arts and Brazilian literature. Among the oils, there are representative pieces of my 47 years of work. Brazilian painting is represented by: Guignard, Volpi, Marcier, Milton da Costa, Santa Rosa, Sigaud, Bracher, Marquetti, Farnese,

Antonio Maia, Guima, Ivan Serpa, Aluizio Carvão, José Paulo Moreira da Fonseca, Scliar, Sérgio Telles, Manoel Santiago, Kaminagai, Dionísio Del Santo, Abelardo Zaluar, and many other painters of importance. Among the foreign pieces, a drawing attributed to Modigliani, with a good history of authenticity; a short-run print of Picasso’s greek phase; a Lurçat tapestry card; an oil painting from the time of Fontainebleau, precursor of the Impressionism and an expressionist landscape of winter in Moscow by Kharationov.

In my atelier there are about 100 landscapes, even an exposition shown in Bulgaria in 1981 by an invitation of the bulgarian Ministry of Culture. Until then I was the only south-american artist to make an exhibition there and, along with Portinari, the only south-american painter with works in the Official Museum Ludmila Jiokova. Before entering the atelier, you can see an annex with my landscapes, from the first (1963) to the penultimate (2010), as well as my self-portraits, from the first (1964) to the present ones (2010). We also built a chapel where there are the Passion, that I painted when I was 70, and a small collection of icons from Russia, Bulgaria, Greece and Jerusalem, one of them a XVth century piece. On the walls of the sixteen rooms of our house there are oil paintings and drawings signed by me and many other artists – all inspired by the fantastic model of the Readers Digest’s Collection.

That’s what we want to offer to the population of our city, especially to young people and students – art.

The dream came true in 2010. Other projects will come.







“OBRIGADO, CIDADE DE TIRADENTES.
PARA VOCÊ, COM NOSSO AMOR. OBRIGADO MEU DEUS.”

“THANK YOU, CITY OF TIRADENTES. FOR YOU, WITH LOVE. THANK YOU, GOD.”

MÁRIO MENDONÇA









UMA DAS COLEÇÕES MAIS IMPORTANTES DE MINAS GERAIS.

ONE THE MOST IMPORTANT COLLECTIONS OF MINAS GERAIS.





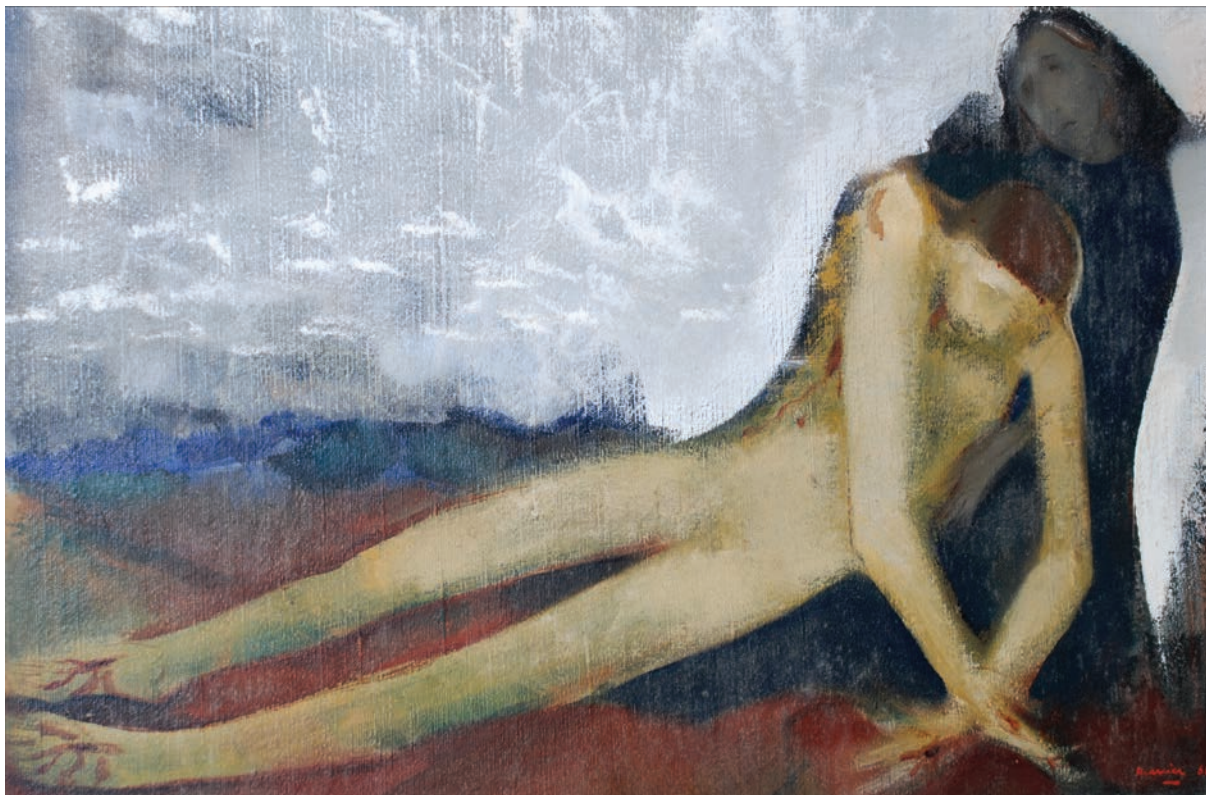
MÁRIO MENDONÇA



CASTAGNETO



VOLPI



MARCIER



KAMINAGAI



DACOSTA



PICASSO



IVAN SERPA



MARCIER



CARVÃO



GUIGNARD



BRACHER



ÍCONE RUSSO DO SÉCULO XVI

[RUSSIAN ICON FROM XVI]



ÍCONE
[Icon]



BRUNO GIORGI



EVANDRO CARNEIRO



ROSA BONHEUR



AGOSTINELLI



MÁRIO MENDONÇA: PINTOR DA TERRA, PINTOR DO CÉU.

MÁRIO MENDONÇA: PAINTER OF THE EARTH, PAINTER OF THE HEAVEN.





DEPOSIÇÃO / SUDÁRIO
[OFF THE CROSS]
Óleo sobre tela
Oil on canvas



INTERIOR DA CAPELA
[INSIDE THE CHAPEL]



FACHADA DA CAPELA
[CHAPEL ENTRANCE]



CEIA DE TODOS NÓS

[OUR SUPPER]

Óleo sobre tela

Oil on canvas



TIRADENTES
[TIRADENTES]
Acrilica e óleo sobre tela
Acrilic and oil on canvas



CRUCIFICAÇÃO VERMELHA II

[RED CRUCIFIXION II]

Óleo sobre tela colada em madeira

Oil on canvas stuck on wood



DEPOSIÇÃO
[OFF DE CROSS]
Óleo sobre tela colada em madeira
Oil on canvas stuck on wood



CRISTO NA PAIXÃO – ESCARNECIDO

[THE PASSION – CHRIST SCORNE]

Óleo sobre madeira

Oil on wood

CRUCIFICAÇÃO – MINHA MÃO ►

[CRUCIFIXION – MY HAND]

Óleo sobre tela colada em madeira

Oil on canvas stuck on wood





O ATELIER | STUDIO

“No meu atelier de Tiradentes, oficina de trabalho, materializo meus sonhos e anseios. É o local onde me sinto feliz, apesar das angustias da criação. O atelier de um artista pode ser comparado a uma maternidade. Lá existe dúvida, insegurança, incerteza que terminam com o nascimento da obra: o filho da alma. Ao fim de um parto me deito no chão exausto, física e mentalmente, mas plenamente realizado.” Neste espaço há uma exposição de paisagens exibidas em Sophia, na Bulgária, a convite do Ministério da Cultura daquele país. Como a exposição foi cultural, sem vendas, pude trazer de volta quase todos os quadros, que aí estão, com exceção da paisagem que permaneceu no Museu Ludmila Jivkova. Um atelier não necessita de organização, os quadros podem ser trocados, substituídos, ele é dinâmico, sempre em mutação. Existem, portanto nele, paisagens de épocas diversas, assim como retratos, auto-retratos, objetos pessoais que me ajudam no trabalho, enfim os ingredientes necessários e fundamentais. Bem vindos a minha alcova, onde são gerados com a ajuda de Deus os meus filhos da arte.



“My studio in Tiradentes is the workshop where my dreams and desires come true. It’s the place where I feel happy, in spite of the anguish caused by creation. An artist’s studio can be compared to a maternity hospital where all the doubts, insecurity and hesitation finish when the work is born: the son of the soul. At the end of a “labor” I lay down on the floor, exhausted but completely fulfilled.” In this room, there is an exhibition of landscapes displayed in Sophia, Bulgaria, at the invitation of the Ministry of Culture of that country. As the exhibition was a cultural, not sales, I brought them back to Brazil, except for one landscape that remained in the Ludmilla Jivkova Museum. A studio doesn’t need an organization, the paintings may be substituted, it’s a dynamic place, always in movement. That’s why there are landscapes of different times, as well as portraits, self portraits and personal objects that help my work, the necessary and fundamental ingredients. Welcome to my alcove where, with the help of God, my art’s sons are procreated.

A PAISAGEM | THE LANDSCAPE

Aqui podemos acompanhar o percurso da paisagem dentro da minha obra. A primeira retrata montanhas do estado do Rio de Janeiro, em um local chamado Maria Comprida, várias outras da mesma época e igualmente sombrias a acompanham. Estamos na década de 60.

Na década de 70 descobri Minas Gerais a partir de Tiradentes, a paixão foi imediata e irremediável, estamos perto de completar bodas de ouro, continuei meu caminho impressionado pelas montanhas de Minas, fascinantes, impotentes, enigmáticas, impressionantes em sua serena beleza, mudas e cheias de sons e vozes, milagres da natureza divina.

Em meio a década de 90, ao término de uma depressão, renasci liberto das cores sombrias e tendo a revelação da cor em sua plenitude.

São trabalhos dos anos 60 até o presente, cinco décadas de paisagens para serem julgadas, discutidas, examinadas, mas sobretudo contempladas.

São pedaços da minha alma, para elas peço o carinho do olhar.



MÁRIO MENDONÇA



Here, we can follow the evolution of the landscape in my work. The first one depicts mountains from the Rio de Janeiro region, from a place called Maria Comprida, several others from the same period and equally somber alongside, all from the 60's.

In the 70's, I came across the State of Minas Gerais, in the city of Tiradentes, the passion was instantaneous and irreversible, we are close to completing half a century. I followed my path impressed by the mountains of Minas Gerais, fascinating, astounding, enigmatic, in their serene beauty, mute and yet full of peculiar sounds and voices, miracles of the Divine nature.

In midst the 90's, having recovered from a depression, I was reborn free from sombers colors and experiencing the revelation of color in all its plenitude.

Those are works from 60's till the present, five decades of landscapes to be appraised, discussed, questioned, but above all, contemplated.

They are parts of my soul. For them I pledge the tenderness of your meditation.



ARTE SACRA | SACRED ART

O percurso se inicia nos anos 60 e vai até o momento atual. São os trabalhos que consegui conservar em mais de 40 anos do meu ofício de pintor. Centenas de obras saíram de meu atelier e se espalharam pelo Brasil e o mundo. Estão em museus, igrejas, instituições culturais e coleções particulares. Na década de 60, na apresentação de minha primeira exposição individual, o embaixador Paschoal Carlos Magno, patrono das artes no Brasil, escrevia: “Mario Mendonça é, no momento, um pintor irmão daqueles que deixam sua passagem pelo mundo povoando altares, sacristias, paredes conventuais, adros de monastérios, salas de museus com a vivência de sua arte como tema, como substância, como definição.” Foi também uma profecia que se realizou. Sou um pintor de arte sacra apesar de trabalhar outros temas. Há trabalhos de cinco décadas e telas de menor ou maior importância, o objetivo principal é homenagear o Estado de Minas Gerais e a cidade histórica de Tiradentes que me adotou.

The paintings portray religious themes in the latest 40 years - from the sixties to the present moment. Hundreds of works left my studio and are now scattered in Brazilian and international museums, churches, cultural institutions and private collections. In the sixties, ambassador Paschoal Carlos Magno, a patron of arts in Brazil, presented my first individual exhibition: “Mário Mendonça is, at the moment, a painter linked to those who pass by this world filling up altars, sacristies, walls monasteries, churchyards, museums with the experience of his art as a theme, substance, definition.” This prophecy is now a reality. I am a painter of sacred art who also work about other themes. There are canvases, of different values, painted along five decades - the main objective is to pay homage to the state of Minas Gerais and to the historical city of Tiradentes that adopted me.

O AUTORRETRATO | THE SELF-PORTRAIT

O auto-retrato não é uma vaidade do pintor. É uma importante forma de estudos, pesquisa com forma e cor, correção de erros, constatação de acertos, em que o modelo não reclama nem cobra pra posar. Podemos acompanhar o primeiro desenho (1964), o primeiro óleo (1965) e os autorretratos da década de 60 até os atuais.

São quase 50 anos onde me recordo jovem, menos jovem, na idade madura (idoso nunca), caminhando em direção ao meu destino, na vida que escolhi ou que me foi escolhida.

Não precisam ser belos e a semelhança não é o mais importante. Existem como pintura expressiva, mostrando mais a alma do que o corpo, nas diversas épocas e situações em que foram pintados. Sou eu desnudado.



The self-portrait is not a vanity painter. It is an important form of studies, experimentation with forms and color, correction of the wrong and acknowledgement of the right, where the model neither complains nor charges to pose. We can follow the first drawing (1964), the first oil painting (1965) and the self-portraits from the 60's to today.

These account for almost 50 years where I picture myself young, less young, mature (but never old), walking towards my destiny, in this life that I chose or that I was chosen for me.

They do not need be beautiful, and similitude is not what matters the most. They exist as expressive painting, depicting the soul over the body, during the different times and situations in which they were painted. It is me bared.

MÁRIO MENDONÇA



O PINTOR / AUTORRETRATO – 1976

[SELF PORTRAIT]

Óleo sobre tela

Oil on canvas



O PINTOR / AUTORRETRATO – 1996

[THE PAINTER / SELF PORTRAIT]

Óleo sobre tela

Oil on canvas



Foto: Márcio Mercante

PROJETO GRÁFICO | GRAPHIC DESIGN

Cleber Soares [Dotzdesign]

VERSÃO EM INGLÊS | TRANSLATION

Stella Maris Mendonça

FOTOGRAFIAS | PHOTOS

Mariza Lima

Capa, contra-capas e páginas 49, 50, 51 e 52.

Henrique Moreno

Página 1, 2, 7, 9, 11, 12, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29,
32, 33, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51 e 52.







IMM

INSTITUTO MÁRIO MENDONÇA

TIRADENTES

www.mariomendonca.com.br